REVISTA SENTIDOS DA CULTURA

O VERDE MUNDO DE BENEDICTO MONTEIRO[17]

Aristóteles Guilliod de Miranda

Faço a ligação e aguardo. O telefone toca; em seguida atendem:

— Alô? Eu gostaria de falar com o Benedicto Monteiro...

— Quem deseja?...

Identifico-me. Instantes depois ele atende. Uma voz suave, pausada, mas já demonstrando um certo conhecimento, me diz quebrando um pouco a impessoalidade que pode conter uma ligação telefônica: — Diga, companheiro... Marco o encontro para dali a três dias.

Enquanto me dirijo à residência de Benedicto Monteiro fico pensando em como será a minha acolhida; como será o mundo pessoal , familiar, deste escritor cuja obra já ultrapassa os limites regionais e até nacionais, com livros traduzidos para o francês, italiano, alemão e espanhol, e que começa a ser descoberto por críticos e estudiosos estrangeiros, como o professor alemão Klaus Meyer-Koeken, que em seu trabalho **A ilusão de oralidade no romance brasileiro**, publicado na Alemanha, analisa o romance *Aquele um*, do referido escritor paraense, ao lado de *Grande sertão: veredas*, de Guimarães Rosa, e *Jorge, um brasileiro*, de Oswaldo França Jr.

Ofuscando um pouco a seriedade do trabalho proposto — entrevistar e posteriormente traçar um perfil do entrevistado —, o que vinha à minha mente era aquela sensação gostosa do novo, algo muito importante para mim: conhecer melhor aquele que é considerado o maior escritor amazônida da atualidade, para quem a crítica brasileira não tem poupado elogios, pelas características peculiares de sua obra, despontando

[17] Entrevista realizada como trabalho de conclusão da disciplina A construção da personagem do texto de perfil jornalístico, ministrada pelo Prof. Dr. Oswaldo Coimbra, no Curso de Mestrado em Letras/ Teoria Literária, da Universidade Federal do Pará, em 1999.

isolada no meio das muitas "águas escreviventes" de nossa região e, particularmente, no Pará. Como exemplo, bastariam as palavras definitivas do prof. Benedito Nunes, que ao referir-se ao livro *Verde vagomundo*, diz que *Benedicto Monteiro escreveu o primeiro romance contextual da realidade amazônica.*

> *Mesmo copiando de um gravador onde gravei em fita todas as nossas conversas, não sei se posso transpor para o papel com fidelidade, a linguagem interessantíssima desse caboclo Benedicto Monteiro*

Benedicto Monteiro me recebe à porta. De bermuda, tênis, camisa esporte, barba por fazer. Após as reapresentações — já havíamos nos falado algumas vezes, em ocasiões mais formais, como lançamento de livros dele e sobre ele, e palestras sobre sua obra, que Benedicto faz questão de prestigiar —, faz-me sentir mais à vontade. E eu, que no caminho matutava sobre como dirigir-me a ele, se Doutor Benedicto ou somente Benedicto, descubro à minha frente o Bené, simplesmente.

Ainda assim, estávamos num ambiente neutro: o pátio da casa. Mas logo vem o convite: Vamos para o meu esconderijo!

Entramos na casa. É uma casa simples, de um conjunto residencial no caminho do aeroporto de Belém, já devidamente reformada e ampliada para abrigar uma família grande. Subimos uma escada em espiral e logo chegamos à biblioteca-escritório de Benedicto. Em meio a livros, papéis, máquina de escrever, mesa e cadeiras, uma rede bem amazônida se destaca. É ali que Bené vai se acomodar para começarmos o nosso bate-papo.

Apesar de tantos anos de contato com a imprensa, repórteres, entrevistadores, Benedicto não consegue disfarçar uma pontinha de inquietação para com a finalidade desta entrevista, apesar de já lhe ter exposto, mais de uma vez, a pretensão de tê-lo como tema de um trabalho acadêmico. Talvez lembrasse da "repórter" que certa vez insistiu numa entrevista, mas que só poderia ser realizada na residência do próprio Benedicto. O verdadeiro motivo, mas oculto, era o de constatar a "mansão" em que morava o escritor.

— Não repara a bagunça! É que minha filha chegou com os filhos e se instalou aqui. Agora que ela já foi eu estou reorganizando as coisas. Sabe, eu nunca tinha tido um espaço assim, só meu, para os meus livros, minhas coisas. Agora, depois de várias mudanças, parece que consegui. Este espaço é mais para organizar, guardar as coisas. Escrever, eu escrevo em qualquer lugar, em qualquer circunstância....

É um gabinete pequeno, com duas estantes, uma de frente para a outra. Uma parede vazia e outra com uma janela que dá para o quintal. Próximo à janela, um retrato: Benedicto preso, algemado, descalço, entre guardas — lembranças de 64. no centro da sala, uma mesa com tampo de vidro, onde estão a máquina de escrever e muitos papéis. Duas cadeiras, a rede e livros, muitos livros espalhados por todos os lados, mas principalmente ao redor da rede, que é o local preferido de trabalho de Benedicto. Ele diz que se ficar muito tempo sentado, sente dores nas costas; na rede não tem este problema.

Os livros estão abertos ou com páginas marcadas. Em cima da pilha **Motins políticos**, de Domingos Antonio Raiol:

É que estou escrevendo um livro para-didático sobre a Cabanagem. E já encontrei tanta coisa fantástica, que eu mesmo me surpreendo! Por exemplo: descobri que por ocasião do movimento houve uma organização feminista. Acho que foi a primeira organização de mulheres que se fez no mundo. E aqui no Pará! Das mulheres dos cabanos! Já naquela época se organizou uma associação de mulheres. Não era bem propriamente dos cabanos, mas já no sentido da sociedade, uma organização política da mulher. Você vê as mulheres gregas, romanas, todas elas no sentido da dominação. Essa (a das mulheres cabanas) é uma organização de mulheres para influir na sociedade...

Pergunto sobre artigos e trabalhos de crítica sobre sua obra. Consciente, Benedicto confessa ter-se descuidado deste assunto, por conta da sua atividade política, mas diz que agora está se organizando. Com relação a isso, mostra-me resenhas de jornais e revistas, com opiniões de pessoas de peso como Benedito Nunes, Darcy Ribeiro, Leo Gilson Ribeiro, Jorge Amado, José Paulo Paes, Antônio Hohlfiedt, Ápio Campos, Lúcio Flavio Pinto e João de Jesus Paes Loureiro. Um naipe de escritores e críticos da mais alta qualidade a opinar sobre a obra deste escritor que, quando perguntado se se sente um escritor regionalista ou um ficcionista latino-americano, diz apenas que se sente um "escritor amazônico", pelas peculiaridades da região, tanto no contexto brasileiro quanto no continental:

A realidade do Baixo ou do Médio Amazonas é diferente de qualquer outra. É própria...

Pergunto a respeito da correlação que se faz entre a sua obra e a de outros escritores latino-americanos, como Gabriel García Márquez, Alejo Carpentier, Júlio Cortázar e Juan Rulfo. Bené me diz que só depois que começaram a falar sobre o assunto é que foi ler estes autores:

Não houve uma inspiração nelas. Se há uma aproximação, talvez esta seja por conta da realidade latino-americana, lutando contra as interferências externas, em busca da sua própria identidade.

> *Sai apressadamente para a porta da rua, queria respirar.*
> *A cidade estava escura e morta.*
> Benedicto Monteiro

Benedicto nasceu em Alenquer, no Baixo Amazonas. Filho de fazendeiro, fez seus estudos em Belém, no Colégio Nazaré, ali, já se destacava por seus trabalhos, seu texto, a ponto de chamar a atenção do famoso professor Paulo Mendes. Quando concluiu o curso secundário, voltou para Alenquer. O professor Mendes deu-lhe uma lista de livros indispensáveis para qualquer pessoa que quisesse ter uma noção básica de literatura. *Levei para Alenquer, mas foi muito difícil conseguir os livros. Nem em Belém. Muita coisa, quando havia, só no Rio de Janeiro.* E foi para o Rio de Janeiro estudar Direito na Faculdade Nacional, concluindo o curso em Belém. No Rio lançou seu primeiro livro, *Bandeira branca*, de poemas, com boa repercussão junto à crítica.

Mas eu me decepcionei com a poesia. Não com a poesia em si. É que o público de poesia é diferente, mais restrito, mais eclético e não pensei mais em poesia. Continuo escrevendo, até. Às vezes me vem uma ideia que eu trabalho poeticamente, mas não tenho planos para lançar outro livro. Mais tarde, quem sabe...

E Alenquer? Você ainda tem contato com a cidade ou é como o Drummond diz sobre Itabira "uma fotografia na parede. Mas como dói...?

A minha Alenquer é aquela que está nos meus livros. Ela continua viva ali. Esta Alenquer de agora não conheço. Deixou de ser uma cidade próspera para ser um subúrbio de Santarém!

A confissão sai sem mágoa ou rancor. Aliás, durante todo o depoimento de Benedicto, não se percebeu ódio ou desejo de vingança pelos acontecimentos por ele vividos ao longo de quase quarenta anos de militância política ou intelectual. Indignação apenas quando fala do episódio de um livro editado com fins didáticos, feito à base de obras de escritores paraenses, do qual ficou de fora:

O que fizeram comigo, naquele livro, é um crime! Excluírem o único escritor que fez literatura contextualizada na Amazônia, num livro que se propõe a analisar essa literatura é uma loucura! Ignorar minha obra, a que tem mais repercussão nacional?!

Mas a Alenquer de Benedicto está, literalmente, na parede, na fotografia feita quando ele foi preso. Nos idos de 1964, Benedicto se escondera nas matas de Alenquer.

A esposa já quis que ele tirasse o quadro da parede, jogasse fora. Mas Benedicto diz, orgulhoso, que não:

Talvez eu seja o único a possuir um documento fotográfico comprobatório da prisão e cassação.

> Só as palavras arrastavam... arrastavam como
> correntes ou como esteiras de tanques.
> Inesperadamente chegou um avião militar, que
> depois de sobrevoar longamente a cidade, desceu
> no igarapé em frente, trazendo vários oficiais,
> sargentos e um contingente de polícia
> Benedicto Monteiro

Os acontecimentos relacionados à prisão de Benedicto, por motivos políticos, e o seu trabalho como escritor, estão intimamente ligados. E Alenquer no meio.

Antes de ser cassado como deputado estadual pelo golpe de 64, ao lado da atividade política, Benedicto fazia pesquisas linguísticas na sua região, o Baixo e o Médio Amazonas. Seu desejo era escrever um trabalho sobre a linguagem daquela região e ser professor de Linguística na Universidade. Com o golpe, sua casa foi invadida e os livros, gravações, fichas, todo um trabalho de vários anos foi perdido. Nunca mais soube o paradeiro desse "material subversivo", como foi considerado. A tetralogia amazônica projetada por ele é, também, um pouco de resgate desse material coletado com tanto esforço, e perdido talvez para sempre nas águas barrentas da intolerância. Alenquer, a cidade natal, escondeu-o em seus braços verdes e líquidos, mas não impediu a prisão. Mais que preso, teve que negociar a vida:

Eu negociei a minha vida. Quando fui cassado e estava sendo perseguido para ser preso, me embrenhei nas matas de Alenquer. Na cidade, cercaram tudo: canoas, barcos, tudo era vigiado. Meu pai ficou preso em casa, sozinho. Minha mãe tinha vindo para Belém. Com tudo isso eu consegui saber que na patrulha que estava me procurando havia um soldado escalado para me matar. Seria uma história simples: eu teria reagido à prisão! Consegui enrolar a patrulha. E como eu levava dinheiro no bolso, comprei a minha vida, negociando com o sargento a minha prisão.

Na prisão, Benedicto foi mantido inicialmente incomunicável por mais de trinta dias. Para não se deixar abater pela falta de notícias dos familiares e para não se deixar influenciar pelas conversas que ouvia, que incluíam sua morte, foi desenvolvendo uma capacidade de abstração total, criando um mundo seu, interior, totalmente desvinculado da cruel realidade de fora dos muros. Esse exercício, ainda que doloroso no início, veio a ser utilizado pelo escritor no seu dia a dia literário. Ele diz que hoje escreve em qualquer

lugar, em qualquer circunstância, independente de barulho, tensões, estado emocional, etc., sendo capaz de ser interrompido em seu trabalho de escritor para desempenhar outra atividade – a de advogado, por exemplo – sair para cumprir aquela tarefa e depois voltar, reintegrando-se novamente ao trabalho anterior.

A prisão foi também um estímulo para o ressurgimento do escritor. *Bandeira branca* havia sido lançado em 1945. Depois disso, Benedicto nada mais publicara.

Eu não pensava em ser escritor. Eu, desde os tempos de colégio, era orador, um bom orador. Tinha pouca coisa escrita. Havia publicado um livro de poesia, que tinha sido bem recebido pela crítica; mas poesia, sabe como é, pouca gente lê. Então eu me desinteressei de escrever. Mas lia muito, sempre e tudo. Leio vários livros ao mesmo tempo. Quando fui preso e fiquei incomunicável, sendo inclusive ameaçado de morte, pensei: diante de tantas histórias, tantas calúnias que se fazem sobre mim, se eu morrer qual dos Benedictos morrerá? O que vai ficar para a minha família, para os meus filhos? Então achei que deveria escrever. Mas na prisão eu não podia escrever. Lá, depois, eu li, li muito. Thomas Mann, Joyce, por exemplo. Livros que eu não tinha tido tempo de ler. Tinha um tenente que, para me sacanear, perguntou se eu não gostaria de ler. Eu disse que sim. Que pena, disse ele, na biblioteca do quartel só tem uns livros em francês. Você lê francês? Eu disse que sim. Então ele me trouxe uns livros de um autor francês fantástico, que é uma espécie de historiador das guerras coloniais francesas na Indochina, na Argélia. Já pensou, relatos sobre libertação e liberdade do jugo colonialista!? E o tenente pensado que estava fazendo uma ruindade comigo...

Quando saiu da prisão, cassado, impedido de trabalhar, Benedicto voltou à advocacia. Nesta vislumbrou um caminho ainda não trilhado e que poderia ser bastante útil na região: o Direito Agrário. Saiu à procura de bibliografia e nada encontrou. Nem aqui e nem em outro local. Partiu então para procurar material de outros países, encontrando alguma coisa em francês. Então resolveu escrever um livro sobre o assunto. Na compilação do material ressalta que teve de ler seis mil Diários Oficiais que apresentavam sentenças e decisões relacionadas ao assunto.

Quando saí da prisão já tinha em mente o Aquele um (livro escrito apenas a linguagem oral). *Quando comecei a escrever, vi que aquele livro não seria um livro engajado, como eu achava que deveriam ser autor e obra. Então bolei o Verde vagomundo, que tem tudo isso sem ser panfletário. Até Ecologia tem lá. E olhe que, saído da prisão, perseguido, tendo tido minha casa invadida e minhas coisas vasculhadas e sequestradas, consegui escrever um livro sem rancor, sem nada, mas nada mesmo*

autobiográfico. A única referência a que me permiti foi a do deputado cassado que andava por aquela região.

Com o trabalho literário que já foi comparado ao de Guimarães Rosa, Benedicto Monteiro não vê neste autor nenhuma influência direta, tendendo mais para reconhecer em Dalcídio Jurandir um precursor do caminho que iria trilhar, principalmente no que se refere à linguagem. Mas ambos, Guimarães Rosa e Dalcídio Jurandir, tiveram uma grande importância também para o leitor Benedicto.

Guimarães Rosa representou um marco na literatura nacional. Quando li Guimarães Rosa eu fiquei impedido de ler o resto. Primeiro foi difícil, mas quando li... Depois, não conseguia ler mais nada. Embora ele não tenha sido uma influência direta no meu modo de escritura, ele foi fundamental. Só que eu não me baseei. Como eu pertenço a uma realidade amazônica, tive que buscar o velho Dalcídio. Dalcídio se antecipou a Guimarães Rosa. A linguagem amazônica é anterior à linguagem do sertão. Aprendi com Dalcídio o caminho da linguagem, essa linguagem nossa. Mas é muito diferente a minha literatura. A minha linguagem é mais visual. Eu visualizo as coisas.

> E um, homem.... só é mesmo homem...
> quando faz um filho – escreve um livro –e planta uma árvore
> Benedicto Monteiro

Não sei quantas árvores Benedicto Monteiro terá plantado. Ou se as plantou. Seria difícil sabê-lo, principalmente quando se vive numa região como a Amazônia, onde alguns locais, como a Alenquer da infância do escritor, eram praticamente intocados, ainda não atingidos pelo furor desenvolvimentista e depredador que se seguiu ao golpe de 64, numa espécie de metáfora político-econômica a exorcizar fantasmas, e que pelas suas repercussões até os nossos dias, ainda carece de um estudo aprofundado.

Se não plantou árvores literalmente, literariamente Benedicto Monteiro nos deu uma verdadeira lição sobre a natureza amazônica e suas árvores no episódio do Pau-mulato, que aparece no *Verde vagomundo*, mas que também é desenvolvido, de forma, autônoma, no livro *Carro dos milagres.*

Pródigo em árvores, em filhos (cinco) e em livros – oito, até agora –, Benedicto Monteiro, por trás de uma aparente calma e tranquilidade, abriga um escritor em constante atividade literária. Dizendo escrever em qualquer lugar, como em aviões e outros recintos, independente do barulho ou atividades ao redor, mas principalmente o fazendo na sua rede, Benedicto demonstra uma lida incessante com a palavra. Mostra-me uma pilha de

artigos já prontos – mais de vinte –, que faz publicar semanalmente no jornal. Isso quando não surge um fato novo durante a semana que o faça discorrer sobre o assunto.

Além dos artigos vejo também os originais de dois livros mais recentes escritos por Bené: *Maria de todos os rios* e *Transtempo*, este uma autobiografia romanceada; aquele, um mergulho na alma feminina, por uma ótica totalmente feminina, no qual Benedicto vem apostando todas as suas fichas, achando que o livro deverá ter grande repercussão nacional, funcionando como alavanca para o *Transtempo* e também para os livros anteriores.

Manuseio os originais. Escritos em um bloco de papel encadernado à semelhança de um livro, a escrita revela uma letra miúda, legível, bem arrumada, demonstrando apuro e cuidado com a redação. Poucas rasuras, poucas emendas. Como ele mesmo diz,

Meus originais estão prontos para serem impressos, Veja, parece já diagramado...

Bené, você tem "fantasmas" como escritor? Falta de imaginação?

Não. Eu não sei o que é isso. Você vê, eu conclui agora três livros: o "Maria...", o Transtempo e o Pensar ecológico, um livro que trata a Ecologia de uma maneira diferente, tanto dos radicais, que acham que a natureza é intocável, quanto dos que defendem o tal desenvolvimento sustentável. Eu procuro uma terceira posição, sem radicalismos. Além desses, fui contratado para escrever um para-didático sobre a Cabanagem. Ainda tenho pronto um trabalho semelhante àquele que fiz com o Dalcídio no Cancioneiro de Dalcídio, só que ampliado: além do Dalcídio, o Guimarães Rosa, para mostrar a poesia que existe nos dois. E mais: um romance sobre o caso do Sebastião Hoyos, outro romance que é uma espécie de contra-romance ao "Maria..." Maria é uma prostituta que circula nas cidades ribeirinhas e conta sua história para uma psicóloga. Este outro seria o romance da psicóloga. Poesia também não parei. De vez em quando, no meio de um trecho, surge algo petiço. Aí eu escrevo. Não tenho a pretensão de publicar agora. Mas é um exercício...

E segue Benedicto com seus livros, seus planos, suas metas. Hoje, vivendo exclusivamente para a literatura (*Não pretendo voltar à advocacia... Política? Só se mudassem as regras do jogo, porque não tenho mais estrutura para ficar fiscalizando meus votos*), Benedicto não é muito tentado a entrar no mercado internacional, apesar de já ter livros traduzidos, por temer as traduções.

Eu acho que o que eu faço aqui está bem. Temos 140 milhões de habitantes. Se 10% leem, já são 14 milhões. Aqui em Belém temos mais de um milhão de habitantes;

10% seriam cem mil. Com uma mídia razoável teria uma boa vendagem para os meus livros. (Um adendo: *Carro dos milagres* já está na 10ª edição. *Verde vagomundo*, com a "pirataria" da editora, vendeu "por fora" uns 35 mil exemplares). Com indignação, Benedicto relembra o episódio das primeiras edições do *"Verde..."*

Eu não fazia questão do dinheiro. Eu queria era o "best seller" que vocês me tiraram...

A conversa continua fluindo fácil, sobre vários assuntos, durante mais de duas horas. Benedicto é um exímio contador de histórias. Vai destrinchando fatos, citando pessoas, relatando situações vivenciadas. Propõe-se a ajudar no que for possível e passa-me o material que já possui sobre sua obra. Em determinada altura, Benedicto diz algo que poderia servir como síntese de si mesmo:

Eu podia ser um rico fazendeiro; podia ser um político influente no seu beneplácito com essa engrenagem política; podia ser um empresário de sucesso – eu tinha condições de ser. No entanto, eu deixei de ser tudo isso para ser escritor, porque intimamente eu me satisfaço com o que estou fazendo. Na literatura exerço minha plena e total liberdade.

> *Tantos anos andei pelo mundo. Sempre transitoriamente. Aprendi que porto mesmo, é só a maturidade. E, chegada mesmo, é só o último regresso.*
> *E o pior, é que eu tenho certeza, com certeza absoluta, que só a história de Cabra-da-Peste, daria um surpreendente romance. O simples relato de sua vida, feito na sua própria linguagem, me tocou tão profundamente, que me fez reformular completamente todo o conceito que eu tinha de herói, de um patriota, de um bandido.*
> Benedicto Monteiro

Sobre o autor

Aristóteles Guilliod de Miranda
Doutor em Biologia e Epidemiologia de Agentes Infecciosos e Parasitários (UFPA, 2013) mestre em Letras: Linguística e Teoria Literária (UFPA, 1995), Graduado em Letras (UFPA, 1990), e em Medicina (UFPA, 1977) É médico do Ministério da Saúde e da Universidade Federal do Pará. Tem experiência na área de Medicina, com ênfase em Angiologia e Cirurgia Vascular, atuando principalmente nos seguintes temas: cirurgia, ética médica, história da medicina e História das Ciências

Texto submetido em: 14/08/2024
Aceito em: 28/08/2024